

Correio das Artes

Ano 1 Número 20 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 7-8-1949



VINHETA DE HERMANO JOSÉ

A FESTA DAS NEVES EM 1838

GLAUCIO VEIGA

CORRIA o ano de 1838 quando aportou, no Brasil, com biblias e malas, o padre Daniel P. Kidder.

Kidder não era nenhum ocioso "globe-trotter", mariposeando pelos portos dos sete mares. Pelo contrário, ele vinha disposto a se encrustar nesta terra "inexplorada e atrasada", como iria mais tarde dizer.

Desde 1835, quando no Rio de Janeiro desembarcou o rev. Fountain E. Pitts, mensageiro do bispo Andrews, do Tennessee, iniciou-se a catequização metodista entre nós.

Regressando, anos depois, aos Estados Unidos, o rev. Pitts apregou as belezas e vantagens do Brasil com tal entusiasmo, que imediatamente se estruturou uma sociedade metodista de quarenta pessoas, animadas do ingenuo zelo de colonizadores apostólicos.

Mas, ao mesmo tempo que o rev. Pitts pisava nestas plagas também estava perlongando o Brasil, visivelmente es-

pantado e desopontado, o rev. Kidder o qual, nesta mesma era de .. 1838, atingia o Nordeste.

Como todo o metodista, o pe. Kidder era senhor de uma honestidade irritante e quasi ofensiva e couraçava-se com um ascetismo agressivo, quasi criminoso.

De sua estadia entre nós, brotou os "Sketches of Residence and Travels in Brazil" (dois vols.

in 8º), traduzido para o vernáculo pelo incansável Alredo de Carvalho. Ainda, em parceria com o seu colega o rev. J. C. Flechter, Kidder publicou outra obra interessantissima, e até bem pouco tempo, o unico roteiro e singular fonte de informações sobre o Brasil que corria nos E.E. U.U.: "Brazil and Brazilians".

Exato e agudo nas

suas observações de caracter sociológico, porém inquisitorial e fanático no julgamento do nosso catolicismo de colonia, o livro de Kidder é um retrato do Brasil, ao modo policial: de frente, de perfil e, sem retoques.

Este jesuita de palitô, Torquemada "à rebours" fixou-se no Recife, por algum tempo. Daí, esticando-se pelas provincias vizinhas, na ânsia de surrupiar as ovelhas do rebanho católico para engrossar a sua manada metodista, nos meados de 1838, Kidder estava na então Provincia da Paraíba.

Aboletando-se numa jangada, com um carregamento de biblias e panfletos evangélicos, desembarcou em Tambaú, hospedando-se no sítio de Mr. R..., possivelmente, o Mr. Roger que deu o nome ao bairro.

Enforquilhado num cavalo, atirou-se o pe. Kidder ao seu labor religioso.

Nesta época, era justamente, a quadra da festa das Neves. E o re-

INTRODUÇÃO AO CAOS

WILLY LEWIN

VEO O TEU CORAÇÃO VERMELHO
VOANDO SOBRE OS DESERTOS.
VEJO ARCANJOS PÁLIDOS
MOVENDO AS GRANDES ASAS
SOBRE OS ARRANHA-CÉUS.

AS PERSPECTIVAS SE PRECIPITAM
NOS ABISMOS DO SONHO.
AS FORMAS SE DILUEM,
TUDO FOGE
PARA O LADO DO MISTÉRIO.

ANTECIPO O CAOS, O ÚLTIMO DIA, O ÚLTIMO GRITO
[DO MUNDO.

POUCO IMPORTA, BELLÂ!
DEIXA QUE TUDO SE APAGUE,
AS NOSSAS ALMAS NÃO SE APAGARÃO.

PRESSINTO AS NOSSAS PROJEÇÕES FUTURAS
NOSSO AMOR ATINGINDO A ESSÊNCIA DO AMOR.

verendo metodista cutucado pela curiosidade dos amigos, foi uma noite ao "pateo".

Filtrada através de sua moral cerrada, desta noite brotou da pena do Kidder, talvez, a mais recuada e a mais azeda descrição da festa das Neves. Ei-la:

"Informaram-me, também, que próxima estava a época da maior festividade religiosa, celebrada na Paraíba, todo ano, sendo o 5 de Agosto o dia de Nossa Senhora das Neves, padroeira da cidade. Indaguei quem era Nossa Senhora das Neves mas ninguém me pôde dizer mais do que era Nossa Senhora, a mesma que Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosario e vinte e outros nomes dados à Virgem Maria. Duvido que a mitologia da Grécia ou de Roma tivesse já mais atingido a tão absurda confusão".

O padre aproveitou a deixa para anatemizar a sua concorrente na indústria de salvação das almas. Continua:

"Este aniversário como todos os outros grandes dias de festas era procedido de uma novena, cerimonia de nove missas, celebradas em outros tantos dias sucessivos. Cada uma destas nove noites tinha o seu divertimento peculiar, sendo confiada a determinado grupo de moradores ou de negociantes cada um dos quais, naturalmente esforçava-se por exceder aos seus rivais na pompa e no esplendor dos respectivos festejos. Persuadiram-me a sair uma noite para presenciar o que julgavam ser profundamente interessante. A Igreja da Matriz, na qual se realizava a festa, ficava perto. A fachada estava iluminada por velas metidas em lanternas quebradas suspensas em volta da porta e ardendo em frente de uma ima-

gem, num nicho junto à cupola. Em várias partes do pateo flamejavam grandes fogueiras em redor das quais grupos de negros ocupavam-se em soltar girando-las de foguetes, em ocasiões apropriadas à cerimonia que se celebrava dentro da Igreja.

Terminada a novena a multidão juntava-se no campo para assistir ao jogo de vócego! Este começava às 9 horas e durava segundo me disseram, até depois da meia-noite. O que vi dele era muito mal arranjado e funcionava sem regularidade; ainda assim deslumbrava de admiração aos espectadores, que aplaudiam ruidosamente.

Se tudo isto fosse apenas uma cena de pretensa diversão para um bando de rudes e ignorantes africanos, seria mais toleravel. Mas, considera-la parte de uma cerimonia religiosa (em honra de Nossa Senhora Padroeira), celebrada no dia consagrado a Deus, e concorrida com entusiasmo por padres, frades e gente do povo, foi cousa que, confesso, ofende em extremo aos meus sentimentos e preferiria ter estado em qualquer outra parte a assistir a semelhante profanação".

Inflado de zelo fari-saico, o reverendo Kidder incriminou os padres e frades de cumplicia-mento com a idolatria, quando, afinal de contas, sabemos que a "festa de rua" não mantém ligação com a "festa da igreja".

E termina:

"Uma das mais penosas impressões que recebi dessa cena foi ver famílias inteiras, inclusive mães e suas filhas, expostas ao ar humido da noite a fim de contemplar espetáculos não só elevados da mais baixa e vulgar especie de ridiculo, como tendo decidida tendencia imoral — e tudo isto sob o no-

me de religião. Foi com satisfação que me retirei dali logo que os meus companheiros nisso consentiram, e resolvi nunca mais assistir voluntariamente a tais profanações".

Cabe agora ao cel. Francisco Colinho de Lima e Moura que certamente era menino quando da passagem do Kidder pela Paraíba, retificar tais melindrosas assertivas.



SANTA ROSA VISTO POR AUGUSTO RODRIGUES

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado
Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON RÉGIS

COLABORADORES

A. Accioly Netto, Aderbal Jurema, Afonso Felix de Sousa, Afranio Coutinho, Antonio Bento, Antonio Brayner, Antonio Franca, Bandeira Tribuzi, Bezerra de Freitas, Brito Broca, Carlos Romero, Celina Aguirre, Celso Otávio Novais, Clovis Assumpção, Clelia Silveira, Clovis Moura, Cyro Pimentel, De Castro e Silva, Djacir Menezes, Dilermando Luna, Edmur Fonsêca, Edson Nery da Fonsêca, Enrico Camerini, Evaldo Coutinho, Fernando Ferreira de Loanda, George Mattos, Gilberto Freyre, Guerra de Holanda, Hamilton Pequeno, Haroldo Bruno, João Condé, João da Veiga Cabral, João Cabral de Melo Neto, José Paulo Moreira da Fonsêca, José Lins do Rêgo, Juarez Batista, Lêdo Ivo, Lucia Miguel Pereira, Lopes de Andrade, Malaquias Abrantes, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Manuel Diégues Junior, Maria da Saudade Cortezão, Nice Figueirêdo, Nilo Pereira, Orlando Romero, Otto Lara Rezende, Péricles Leal, Raul Lima, Reinaldo Moura, Sosigenes Costa, Tullo Hostilio Montenegro, Van Rogger, Wilson Chagas e Wilson Martins.

ILUSTRADORES

Arnaldo Tavares, Arpad Szenes, Augusto Reynaldo, Carlos Thiré, Cícero Dias, Fayga Ostrower, Helio Feijó, Hermano José, J. Lyra, Ladjane, Pancetti, Santa Rosa, Van Rogger, Yllen Kerr, Wilson Rodrigues, Woller e Zuleno Pessoa.

O ROTEIRO DO POETA

JUAREZ BATISTA

O LIVRO de estréia do poeta Edson Régis, "O DESERTO E OS NÚMEROS", veio aparecer em horas de muita inquietude e desassossegado para os que estavam sentido, como eu, na poesia da gente moça do Brasil, uma dolorosa vocação suicida nessa mania de manipular versos soltos com a mais absoluta irresponsabilidade, a que se prestam muito bem as formas modernistas, querendo, assim, vencer o que chamam de "velhos" e "passadismos" quasi tão semente com carêtas, propondo-se a "ganhar a vida", de uma maneira que é antes a forma mais melancólica de perdê-la. Pretende-se destruir os "velhos", sem ter-se nada para dizer de novo. Fala-se mal do "passado", sem de nada se dispor para apresentar como futuro. E, compreendo bem, uma atitude de moço, de jovem, uma prova de vigor, que dá a nova geração do Brasil. Estou longe de pretender ficar na posição insustentável — e deplorabilíssima — de quem teima em não acreditar que os "novos" de ontem têm de ser, necessariamente, os "velhos" de hoje. Isto é certo e ninguém põe dúvida. Porém, torna-se imprescindível que se queira e se possa, de fato, construir alguma coisa, sem esse afã — que é bem um sinal dos tempos — de querer, antes de mais nada, botar

abaixo e destruir. Por isso tudo é que "O Deserto e os Números" chegou muito a tempo de nos tirar, a todos nós, dessa espécie desencantada de nostalgia em que se transforma sempre uma esperança ilimitada, quando sente que já não pôde mais viver. E nós, convenhamos, já tínhamos esperado demais.

O livro do jovem poeta pernambucano impressiona logo pela extraordinária serenidade — em que se vê, claramente, uma despreocupada segurança de aluno-mestre de sua arte — com que enfrenta e trata os temas. Seu verso é todo suavidade. Nada de veemências, porque seu reino (o do poeta) não é deste nem do outro mundo. Está em tudo e em todos, em cada um que possa.

"pensar no mundo como se
[ainda permanecesse na
[Infância,
acreditando em todos os má-
[gicos antigos
que não voltam mais".

e imobilizar o que está morto dentro de todos os homens, esquecido e desprezado, mas que é preciso iluminar: a expressão. Sem dúvida, tudo é expressão — particularmente em arte poética. E, por isso, o reino do poeta é o da palavra, que se apresenta fria e invulnerá-

vel, estranha nos seus encantos para a grande maioria dos homens, distante e pura como uma gaivota sobre o mar. O poeta, entretanto, conhece-a bem, e grita aos quatro ventos, como se tivesse descoberto ouro nas páginas do dicionário, em três dos seus mais belos poemas que são as "Composições":

"Esta é a palavra
de límpida fonte,
precisa como o sábado,
nitida e leve
como pura lágrima,
lenta, rolando
pela face..."

Edson Régis surpreende, de repente, o roteiro do poeta, até agora, em nossos dias, semente revelado a um Drummond ou a um Bandeira. Uma linha de unidade domina sua obra. Está fora de toda competição. Faz poesia apenas, e contenta-se em ser poeta. Penetra no mundo das palavras, um país de sonho e de mil faces, tranquilamente, sem vexame, porque, como diz,

"Na manhã presente
a flor talvez não seja
como anunciaram".

E o Poema, sem nenhum constrangimento, torna-se seu. Qualquer um que tiver a oportunidade de ler "O Deserto e os Números" há de perceber isso. O poema, que se lhe apresenta, como ele próprio confessa,

"Em estado intocável,
frio e distendido
na superfície
da noite".

é todo seu. Entrega-se ao poeta, naturalmente, sem esforço, mas exatamente porque, antes, o poeta foi quem se entregou. Foi o homem que se fez apocalíptico, transcendente e simples, que se expôs ao

"áspero clima
do retrato morto"
que se deixou "rolar"

"no líquido entendimento do
[silêncio"

e que agora vem gritando visões, sentindo-se "multiplicado", com um problema de números (que nada tem de cálculo matemático) a resolver, e que, no entanto, são apenas as suas próprias emotividades, sua condição de viandante incerto — "vítima dos portos" —, à descoberto de toda eventualidade, frágil e mínimo, incapaz para se recusar ou fugir dos acontecimentos.

"Minha casa tomba
e o deserto surge,
os números avançam
e sobre meu peito,
no calor do tempo,
lâminas espalham".

O poeta ouve o clamor dos outros. Sente e sofre pelos seus irmãos de todos os lugares do mundo. Nada passa impunemente. Tudo é captado, e transfunde-se em sensibilidades. E mais intensa torna-se a ronda dos números:

"os órfãos perdidos,
os gritos de fome,
os jogos da morte
as folhas caídas,
as águas paradas,
as luas dos loucos,
os leitos de sangue,
os rios noturnos,
os poemas quebrados
são números trágicos
na minha cabeça".

Aquí devo fazer notar o que gostaria chamar de "mineiridade" de Edson Régis, ou de "pernambucanidade" de Carlos Drummond: o sentido "tectônico" da vida. Quero dizer, uma espécie de visão introspectiva, silenciosa e múltipla do mundo, juntamente com uma "noção splengeriana do tempo". O poeta de "O Deserto e os Números", como o poeta da "A Rosa do Povo", se fecha em cópulas, num sofrimento maior de tudo. O tempo passa? A vida corre na loucura de suas muitas velocidades? Ele, o poeta, não sabe. Nem



DESENHO DE JAMES LUCAS PARA "HUT
COUNTRY DAYS"

viu sequer. Está preso à infância. A vida, que foge tão rápida em nossos tempos, é feita apenas de recordações da infância. As coisas e o mundo, tal como estão, só podem incomodá-lo. E, por isso, ele também quer fugir, ir embora e se mudar.

"Quero ver o circo
como antigamente,
quero o velho espelho
para ver-me antigo

Vou-me embora, amiga,
que eu não sou o diabo,
não aguento a vida
como aqui se vive".

Nas mais das vezes, entretanto, o poeta sente-se quase bem lembrando os dias da infância, a vila distante, degustando aquele sumo agridoce de tempos passados, de infância remota. Por isso ele diz:



NA EUROPA

VIAJOU com destino à Europa, devendo passar uma longa-temporada na França, Inglaterra e Itália, o escritor Sérgio Cardoso Ayres, autor do romance "Nem com lágrimas tristes". Cardoso Ayres aproveitará sua estadia na Europa para colher material com que pretende escrever um romance sobre o Renascimento.

"ARTE. NECESSIDADE VITAL"

REUNINDO em volume "uma coletânea de trabalhos sobre arte, escritos entre 1933 e 1948". Mario Pedrosa, anexou ao mesmo belas reproduções de quadros célebres, o qual, apresentado pela Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, constitui um excelente livro para os que à Arte se dedicam.

"Deito-me à sombra
do menino morto
para ver molduras
de antigamente".

A evocação à infância está presente neste ("O Retrato") e em muitos outros poemas do livro: em "Canção da Vila", "O Sofrimento da Criança", "As Viagens", "Poema dos Dias Passados" e em "O Grito".

A meu ver, foi justamente a confusão desses valores — em alguma coisa, apenas, semelhantes — de morte e de "vivência" do passado, que levou o sr. Abaeté de Medeiros, num lúcido ensaio de crítica, a classificar, despropositadamente, o poeta Edson Régis dessa coisa horrível que é ser, nos dias que vivemos, "o poeta da morte". Não consigo ver em que Edson Régis seja mais animado por Tanátos do que por Eros. Se a palavra morte aparece insistentemente nos seus poemas, não é, evidentemente, com essa preocupação cristã e religiosa de morte como futuro inevitável que não se pode esquecer. É, antes, saudosismo, "vivência" de tempos pretéritos, do que passou, e que poderíamos chamar de raiz érgica da poesia. O que vale dizer, sublimação do impulso vital do presente por força e imposição do passado ainda vivo. Não é a morte como solução nem como impasse. É apenas a presença constante dos dias da infância. É próprio é que declara:

"... Já não direi agora
as velhas canções por mim
[cantadas.
Direi somente — e isso me
[agrada —
as canções morreram e a
[morte
ficou na minha boca."

Neste ponto, creio eu, o sr. Abaeté de Medeiros andou tomando a nuvem por Juno.

Não cabe aqui, nas linhas despretenciosas de um artigo de jornal, maiores considerações sobre este livro que, de fato, veio marcar uma época de esperanças mais decididas para a nova geração de poetas do Brasil.

P O E M A

CEZÁRIO DE MELLO

ILUSTRAÇÃO DE ELEZIER XAVIER



ELA VEIO DE MUNDOS IGNORADOS
POUSAR OS SEUS FRIOS E COMPRIDOS LEDOS
NA MINHA CABEÇA EM FEBRE,
VEIO SUTIL E VAPOROSA,
IMAGEM EVANESCENTE, ÍCONE BARBARO
CICIAR AOS MEUS OUVIDOS QUASI SURDOS
O DELIRANTE INTERMEZZO
DOS SEUS SOFRIMENTOS.

ELA VEIO DE MUITO DISTANTE,
TRAZIA NOS SEIOS DESNUDOS
UMA GRANDE ESTRELA DO MAR
E NOS CABELOS ESVOACANTES
VERDES ALGAS MARINHAS.
HAVIA NO SEU CORPO CANSADO
AS MARCAS RECENTES DE TODOS OS PECADOS
NO INSTANTE PROFÉTICO DE SUA PLENITUDE.



Ortografia e Personalidade

ERNANI SÁTYRO

NÃO vamos sustentar certamente que a escola primária de ontem fosse melhor que a de hoje. Por mais que discordemos de alguns pontos do ensino atual, força é reconhecer que a coisa já andou muito pior.

Neste como em outros aspectos da existência, o mundo sempre marcha para a frente. Esta ideia scandalizará provavelmente muitos saudosistas, que vêm o passado através desse véu que se vem formando atrás de seus passos, por mais parados e difíceis que tenham sido esses passos.

Isso de dizer que "antigamente a escola era risonha e franca", como na popular antiga não entra mais aos ouvidos de ninguém. Não é possível falar em risos, numa época em que as lições eram arrancadas com a palmatória, as mãos das crianças colocadas sobre carcos de milho, numa mesa rústica, para maior eficácia do castigo. Muito menos poderia haver franqueza num regime de intolerância, em que a palavra do mestre não admitia contestação, por maior que fosse a sua estupidez.

A taboada, essa era decorada com entoação especial, dependendo mais da vocação musical do estudante do que propriamente de sua memória.

Geografia, História, Ciências, isto também não se fala. Era o sistema das perguntas e respostas, de acordo com os livros, sem alteração de uma vírgula. O nosso livro de História do Brasil dizia assim: "Quem descobriu o Brasil?" (Com 2) — Resposta: — "O Brasil foi descoberto pelo admirante português Pedro Álvares Cabral, rei-

nando em Portugal El Rey dom Manuel".

Porque um menino do cabelo despenteado teve o atrevimento de fazer pequena alteração, traduzindo o "El Rey", pela expressão portuguesa, o Rei, recebeu como castigo nada menos de meia dúzia de bolos, "dos bons", como dizia o professor. E note-se que apenas alcançamos uns restos desse regime. O que contam os antigos são coisas de arripiar o cabelo.

Hoje, com a introdução de métodos mais racionais, já é possível à criança aprender suas lições e fazer seus deveres sem sobrecarregar a memória de um modo tão estúpido. Claro que, qualquer que seja o método adotado, sempre se tem de decorar alguma

coisa. A inteligência não pode funcionar sozinha, sem exigir alguma coisa da memória. Mas esta vai sendo chamada de modo quasi imperceptível, e resistindo com essa segurança que os organismos representam, até diante dos grandes tóxicos, contanto que sejam ministrados paulatinamente.

Só numa coisa o ensino antigo levava uma vantagem sobre o de hoje — era nesta questão de ortografia. Uma palavra era uma palavra, sempre com a sua indumentária, com o seu aspecto exterior invariável, em suma, com a sua personalidade. Havia ff, mm, e pp desnecessários. Algumas dúvidas surgiam mesmo porque a língua tem muita coisa dos organismos vivos. Mas, apren-

dida a grafia de uma palavra, estava aprendida mesmo.

Veio a simplificação ortográfica. Um acordo, outro acordo; lei, revogação de lei, e afinal essa balbúrdia que anda por aí afora. Um verdadeiro inferno, não apenas para as crianças, que vivem sonhando com sinais e acentos, mas também para aqueles que, embora desenganados de ainda virem a aprender qualquer coisa de ortografia, têm pelo menos o dever de ajudar seus filhos a se livrar desses fantasmas.

E o mais grave de tudo isso é que a imprensa não ajuda. Vemos muitas vezes, na mesma coluna de um jornal de prestígio, uma palavra escrita de dois modos diferentes, ora acentuada, ora não.

Órgãos oficiais, com a sua responsabilidade, continuam a anunciar a venda de opúsculos que trazem uma legislação já revogada ou transcrevem um novo acordo, regeitado no Brasil, pela sua estupidez e extravagância.

Os manuais ortográficos, na sua maioria, ou na sua quase unanimidade, completam o tremedal, desanimando definitivamente os que ainda alimentavam a esperança de ali encontrar um roteiro para a áspera caminhada.

Todos nós aprendemos na escola que a língua portuguesa é das mais difíceis de escrever e falar corretamente. O capricho de muitos de seus verbos, as emboscadas da sintaxe, algumas indecisões de prosódia, tantas vezes condicionada à própria etimologia da palavra — tudo isto assombrava quantos pretendiam manejar com segurança o idioma. Mas, afinal, com a tolerância



PERSONAGEM DE "CRIME E CASTIGO" (SANTA ROSA)

dos mestres, com a evolução do vernáculo, e principalmente com o exemplo de alguns escritores arrojados, a cuja frente temos de colocar esse imenso Eça de Queiroz, muitas dessas questiúnculas foram relegadas para plano secundário. A regência já não constitui uma tirania inapelável. As fronteiras linguísticas já não opõem barreiras proibitivas à entrada dos estrangeirismos, embora se devam evitar os abusos e as cretinices. Em suma, ter uma gramática na ponta da língua já não constitui uma carta de apresentação, capaz de fazer abrir todas as portas.

Tudo isto é verdade incontestável. Quasi até desapareceram as gramáticas cheias de regrinhas. Longe de nós, sustentar a tese de que a língua deve ser desprezada. Mas os exagêros passaram. Passaram e não voltarão mais. É inútil insistir. Uma língua é para ser escrita e falada com desembaraço. Um objeto para ser manejado pelo povo. Ela não passa de um veículo. Ninguém pode ser considerado um homem culto, por maior que seja o número de idiomas que maneja. A língua é um meio, não um fim.

Mas, com toda essa simplificação e essa tolerância, ela precisa aparecer convenientemente trajada. Não adianta apregoarmos as virtudes de um indivíduo ridiculamente vestido. O ridículo esconde todas as virtudes. Uma palavra mal escrita, escrita de muitas maneiras, hoje accentuada, amanhã sem acento, tornar-se até em certo sentido, uma palavra mortal. Ela tem o senso estético, perde a composição.

Rebelando-se contra esse estado de coisas, ainda na época da Ditadura, o ilustre Prof. Sá Nunes teve oportunidade de escrever: "A ortografia é o indumento da língua

e tem uma importância pedagógica muito mais alta do que vulgarmente se pensa. Se o Governo da República fechar os olhos e cruzar os braços diante do que se está passando com o ensino e o aprendizado da ortografia nos estabelecimentos de instrução de todo o país, dentro em pouco tempo o nosso idioma se transformará numa algaravia inextricável e ininteligível... A luz da pedagogia, a ortografia, porque a-

grafia, a ortografia é profundamente educativa... Não se pode compreender língua culta sem ortografia... Como o idioma pertence ao domínio da sociologia, é lícito asseverar que a ortografia está ligado o futuro da própria nacionalidade".

E termina o eminente mestre com estas palavras de Soares Barbosa:

"Num homem bem nascido releva-se mais, e é menos vergonhoso, um erro de sintaxe que um erro de pronunciação ou

quêle pode nascer da inadvertência, estes são sempre efeitos de má educação".

A confusão ortográfica que aí está, exigindo de todos nós um movimento de opinião corajoso e decidido, contribue para que a nossa língua perca muito de sua personalidade. E, pelas hesitações que provoca, pelo desleixo a que habitua os espíritos, atingirá, sem nenhuma dúvida, a personalidade do próprio povo.



Legenda do Ultimo Cisne

SILVINO OLAVO

ALMA penada, alma que choras
descansa a fronte em minha fronte;
as minhas lágrimas sonoras
são como as lágrimas da fonte...

Meu canto é o canto da Renúncia
— horto aromático de magua —
requer ternura na pronúncia,
tem sugestões de lua nágua...

Não vibro nunca em som agudo
o dó menor da minha dor;
forro-me todo de veludo
para meu íntimo esplendor.

... Cantando assim sem que me atenda
a multidão despercebida,
sou como um cisne de legenda
que se perdeu dentro da vida.

Noticias

UM LIVRO DE FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

ESTÁ anunciado para os primeiros dias do próximo ano, o livro de poemas de Fernando Ferreira de Loanda. Esse jovem poeta, além de ser uma das mais expressivas figuras da atual geração intelectual brasileira, é diretor da revista "Orfeu", que se publica no Rio de Janeiro e que vem mantendo desde o seu primeiro número um alto nível cultural.

Esse seu livro será apenas de dez trenos.

UM LIVRO DE VERSOS

OSR. Stuart de Alencar lança no Rio de Janeiro, em edição particular, "Teus Olhos, únicos no mundo", livros de versos intimistas. Nessa PLACQUETTE a sua linguagem poética é das mais simples e espontâneas.

"QUARTEIRÃO DA FOME"

PUBLICADO pelos Irmãos Pongêtti, acaba de aparecer um romance de Raimundo Nonato, intitulado "Quartirão da Fome".

Raimundo Nonato é nordestino e esse livro — numa época em que escrever romance parece mera distração do espírito — surge com uma grande força e nos revela um verdadeiro romancista.

POESIA NOVA

REYNALDO BAIRÃO

("OS DIAS IGUAIS" — JOSÉ ESCOBAR FARIA)

HA neste livro incerto, uma grande certeza. Que é a de que os vocábulos não de se renovar continuamente. O poeta mesmo conhece o poder que possuem as "tensas e mudas palavras queimando-se pelas noites cegando-me pelos dias". Mas é o próprio poeta quem afirma desconhecer, inteiramente, "o signo que" elas contêm. Ele não adivinha se as palavras são apenas "calma e mágoa", ou se elas são violentas "como as vagas na luta plena do mar". E, assim, nada adivinhando, pressente, se amargura todo, vive "entre a dor e o desengano", fazendo rodopiar as formas que se substituem sem interrupção.

Escobar Faria, estreitando, dá uma nova poesia formalmente para nós, demasiadamente apressados quando julgamos Poesia. Creio ser dessa pressa a razão do silêncio de muitos críticos (silêncio sem justificativa, se tendo em conta a obra-de-arte ne-

la mesma) — como também a proveniência de certa dose de incompreensão, visível até em homens como Sérgio Millet. Há, em nossa crítica atual, falta de interpretação-poética, antes de qualquer julgamento. Ora, este livro de poemas bastante herméticos, não é um livro fácil, de que se possa escrever tudo de uma hora para outra. É um livro feito com ponderação, um livro meditado, sai de suas páginas um cheiro acre de necessidade, o lirismo se acha escondido atrás de uma personalidade absorvente de poeta. Coisa que Escobar Faria não pode nem pode evitar. Muito felizmente. E daí, igualmente, a facilidade e pressa de nossos comentadores.

Desde o seu primeiro poema, o poeta chora o vazio existente dentro de si mesmo e, aparentemente, dentro das coisas que o cercam mais de imediato. É o vazio, que habita o ser que se parte e reparte "ante o

espaço e o silêncio", o que o absorve; ele, consciência de que "a forma é gás, e tarda, no vazio" incomensurável. Há a preconização de que o mundo é somente som. Um "som isento" do silêncio de que se serve o poeta subjetivamente — o poeta que "precisa" cantar a mancha.

Esta mancha habita seu próprio corpo, habitou o corpo de seus ancestrais, é a causa do erro primeiro, é deste princípio que sabemos que "estaca o pêndulo" dos relógios traiçoeiros, quando o poeta "morre de fome". Porém é o próprio poeta que "precisa" se entregar todo inteiro a essa mancha irrazoável e negadora, é ele que tira dela toda a essência de vida e confusão que a turba oferece, e é por ela que ele se volta contra si mesmo, "sem rios sem mar sem norte sob o manto de insondável silêncio"...

Na verdade é o "insondável silêncio", o terrível som-silêncio, o que preocupa Escobar Faria, em "Os dias iguais". O som, ainda informe, que logo

se "transformou" em terra e "as velhas credences em pranto" perdidas: foram as coisas que não permitiram, por muito tempo, que ele se convencesse do seu abandono irreversível. Ele soube, porém, com as mortais sutilezas, que não há muitos caminhos a escolher. Os caminhos são um só caminho. E ele se perdeu na confusão desses "estranhos caminhos" sem trilho, luz desconhecida que feriu os seus olhos desmesuradamente abertos. Na indecisão, ele se pressentiu abandonado no mundo em que essa luz é a única escolha, luz que, agora, já não coabita com a verdade do amor. Só restará então cantar, cantar ainda que sem remédio:

"me vi perdido
Nesta vaga e cinzenta
[aurora
Onde não contam solitários
[rios pássaros"...

Encontro, até na procura etimológica da palavra-certa, a não convicção deste poeta que tanto promete:

"Das formas puras pres-
[sentidas
Nada restou além da gla-
[bra sombra.

Felizmente, entretanto, ele sabe que "não há luta" absoluta, por mais aparente que isso seja. E, me parece, que é semelhante passividade a que faz com que ele persista em continuar a lutar, a lutar sempre, para alcançar tudo, para conter tudo e todos em si mesmo, ainda que as "rótas palavras" façam um eco sem rumo, e se atirem, "dispersas em



INVERNO — XILOGRAVURA DE GWEN RAVERAT

densa e profunda ansiedade", no tempo.

II

A primeira sensação que temos, terminado este livro, é de que o seu autor foi sincero, afirmando: "Conheço este lugar".

Os caminhos vários, para ele, são estranhos e não trazem nenhuma magia, como já vimos. Também já vimos que um só caminho o prende, aquele que ele quer porque precisa dele, antes de mais nada, organicamente. Ele, como Homem, não se deixa arrastar para o que de desconhecido existe fora de si mesmo. No entanto, como "de longe rola... um rio que corpo tomou e impuro no mar fundou-se", e esse rio é o seu "eu" transmutado no "caminho", único que

êle conhece e admite — ela pode afirmar que conhece esse lugar, que é ele próprio, transfigurado que fica em "símbolos que ferem o tempo lóbrego".

Dai, eu encontrar em "Os dias iguais" a presença constante do medo. Há medo em cada página, em cada linha de cada verso. Um medo que cega, um medo que esconde a universalidade que o poeta poderia trazer nele, porém não o faz:

"Não vês, não queres
Presenciar (morreste
No início do tempo)
O encanto do vôo..."

E é ainda esse medo terrificante, diria eu bíblico, apoplético, o que nos aparece em frente, quando ele pede para se "deixar os horas comerem o tempo, as mãos...

soltas no espaço possuído!"... Medo, ainda maior, quando o poeta constata que ele é, além do mais, "pedra". E que o "rouco ensaio de voz na vigília" já transcendeu a "iniúria e asco de uma vida morta", muito antes dos tempos se consumarem. Diz êle:

"E's pedra, não ouves
Que a dura palavra irrompe no ar,
Destere seu canto partido
Para amanhã renascer!"

Em seguida, êle, ainda mais lírico, menos homem, acrescenta que o poeta é "o banido em terra do sono" e que "para além do tempo" é aquele que invoca a "aurora" e os "obitos viventes".

Sinto em "Os dias iguais" o constante cho-

que de paradoxos repetidos no tempo e no espaço. Algo do transcendentalismo de quem vai "a nenhuma parte". São os momentos "finais de inconclusos delírios" o que magô: Escobar Faria, porque é "um soluço apenas" o que o separa da vida, esta existência que nada mais é que o "pranto imemorial da hora" tótemo.

Me congratulo com este poeta pela mensagem que me trouxe, desesperada mensagem de quem se sente sempre sózinho, de quem trabalha na sombra amolada pelo "tempo" e pela "solidão" irremediável. Ele sabe que o pranto espesso limo se refugia nas fluidas máscaras. Ainda bem, para ele e para nós, o poeta saber que "ontem agora e sempre é a vida plena e desesperança".

Artes Plásticas

AS ARTES NA PARAIBA

Q. CAMPOFLORITO

PRECISAMOS, em todo o país, maior número de publicações periódicas que facilitem um intercâmbio no campo cultural, como o que já se faz regularmente entre alguns centros, como Rio, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte. É verdade que os jovens de hoje estão dando uma linda lição aos jovens de outrora, através as muitas revistas que vão aparecendo em cada Estado. Realizam essas publicações uma inestimável divulgação dos novos valores regionais, fazendo-os conhecidos nos demais Estados, como produzem ato positivo em favor da cultura local. São as revistas do tipo de "Joaquim", de Curitiba; "Sul", de Florianópolis; "Fronteiras", e "Quixote", de Porto Alegre; "Cronos", e "Revista Branca", do Rio; "Clã", de Fortaleza; "Bando", de Natal; e várias outras cujos nomes nos escapam agora à lembrança. Através de iniciativas como estas, vamos nos conhecendo e confiando sempre mais na evolução da nossa inteligência.

Desde março está sendo editado em João Pessoa pelo jornal "A União", o "Correio das Artes", um suplemento dominical. A vida intelectual e artística da Paraíba nele se estampa em sua melhor grandesa. "Correio das Artes", orientado por Edson Régis, alcança o valor dos mais bem feitos suplementos da imprensa diária brasileira, apresentando cuidado gráfico exemplar. Edson Régis não se deteve apenas no cuidado de seleccionar o texto, dedicando-lhe um acurado sentido de seleção, mas pensou criteriosamente

na feitura gráfica que havia de dar corpo estético a essa obra de divulgação cultural. Confiou a Tomas Santa Rosa o mister de traçar-lhe as normas da paginação, e isso garantiu-lhe o aspecto gráfico que surpreende e encanta. José Simeão Leal, intelectual paraibano que ora desenvolve no Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde notável atividade, fez-nos chegar às mãos a coleção dos números publicados de "Correio das Artes", e isto nos permitiu num só relance apreciar como já mais foi descurodo o capricho inicial. A parte literária é rigorosamente seleccionada e dela participam galhardamente os elementos locais ao lado dos maiores nomes do país. As artes plásticas têm grande destaque. Estudos sobre os problemas artísticos atuais nele aparecem. Recordamos a crônica de arte criteriosamente feita por Péricles Leal, que nos deu boas notícias do movimento plástico paraibano e salientou os elementos mais ativos e talentosos. Ainda um oportuno artigo de Tomas Santa Rosa sobre "Educação Artística". Ilustrações divulgam nossos bons artistas, reproduzindo quadros, esculturas e desenhos. De gente nova e talentosa, da Paraíba como dos Estados próximos, pudemos sentir-lhes o alto espírito de criação nas inúmeras reproduções que "Correio das Artes" estampa. São êles: Augusto Reinaldo, Helio Feijó, Hermano José, Ladjane, Zuleno Pessoa, J. Lyra, Fernando Rodrigues, Odon Bezerra, Leonardo Leal e Arnaldo Tavares.

UMA BRINCADEIRA

CONTO DE FRANZ KAFKA — TRAD. DE TOMAZ SEIXAS

EU possuo um animal que é um mixto de carneiro e de gato. Herdei-o de meu pai, mas só ultimamente é que o seu desenvolvimento se completou. No começo ele se parecia mais um carneiro do que um gato mas presentemente é tanto gato quanto carneiro, em partes mais ou menos iguais. Do gato possui a cabeça e as garras, do carneiro a altura e a forma do corpo, e de ambos os olhos, que são inconstantes e selvagens, o pêlo lanoso e curto e os movimentos ágeis e esquivos. Deitado ao sol, sobre o rebordo da janela ele se espreguiça e ronrona. No campo corre de um lado para o outro como um louco e dificilmente se deixa agarrar por alguém. Afugenta os gatos e ataca os carneiros. Nas noites de luar passeia pelos telhados. Não sabe miar e devo confessar que tem horror dos ratos. Passa horas seguidas junto ao galinheiro, emboscado, mas até ao momento não matou nenhuma galinha. Eu o alimento com leite por me seja o mais adequado para ele e realmente o bebe com uma satisfação digna de registro.

Ele é, naturalmente, uma verdadeira fonte de alegria para as crianças. Nos domingos pela manhã, nas horas reservadas às visitas eu costumo sentar-me na sala com o animalzinho sobre os joelhos e as crianças da vizinhança em torno de mim e é um nunca acabar de perguntas sobre o bicho. Eis algumas delas: Por que existe apenas um animal daquela espécie? Por que razão sou eu e não outra pessoa o dono dele? Teria existido antes daquele um bicho semelhante e o que teria acontecido a ele? De que teria morrido? Não se sentirá só o pobrezinho? Por

que ele não tem um filhinho? Qual é realmente o nome dele? etc...

Nunca forço a cabeça para responder a tais perguntas e limito-me a exibir o bicho sem fazer comentários. Algumas vezes as visitas trouxeram dois carneiros, mas contra a menor cena de camaradagem e menos ainda de Limitaram-se a se olhar calmamente aceitando suas existências como uma evidência divina.

Sentado sobre os meus joelhos não conhece o medo e não sente desejo de fugir. Junto a mim sente-se mais feliz do que quando está só. Permanece fiel à família que o educou mas creio que assim procede por instinto pois até agora não nos deu nenhuma prova extraordinária de fidelidade. E ainda que possua no mundo um grande número de parentes por afinidade não possui talvez nenhum parentesco direto, donde naturalmente achar que a proteção que lhe dispensamos é coisa sagrada.

Algumas vezes não posso impedir-me de sorrir quando o vejo farejar em torno de mim e se estregar nas minhas pernas ou quando simplesmente insiste em permanecer junto de mim. Insatisfeito de ser carneiro e gato, ele ainda insiste em ser cão!

Um certo dia em que eu não encontrava nenhum meio de resolver minhas dificuldades comerciais nem outras que dependiam da boa solução dos meus negócios cheguei à conclusão que o que tinha de melhor a fazer era não preocupar-me tanto com tais coisas e deixar que as mesmas seguissem o seu curso, fossem quais fossem as consequências. Nesse estado de espírito eu me achava sentado no sofá do salão tendo o meu animalzinho

sobre os joelhos. Como, por acaso eu baixasse os olhos sobre o bichinho vi algumas lágrimas brilharem nos seus olhos. Eram minhas ou suas aquelas lágrimas? Esse extravagante gato ou coisa parecida teria ao lado da sua alma de gato as ambições de um ser humano? Eu como já vos disse, não herdei nenhuma preocupação com a grande coisa de meu pai, mas essa pouca coisa deve merecer da minha arte um pouco mais de atenção.

Meu animalzinho possui a inquietude dos dois animais, diferentes como são, a do carneiro e a do gato. Eis a razão porque ele parece se sentir tão mal dentro da sua pele. Às vezes ele salta ao meu lado sobre o braço do sofá; poussa as suas patas dianteiras sobre minha espádua e apoia seu focinho contra minha orelha. E' como se

me dissesse alguma coisa, e efetivamente ele volta a cabeça e me olha no rosto para ver o efeito produzido pela sua comunicação. Eu então para tranquilizá-lo faço como se o houvesse compreendido e balanço a cabeça em sinal de compreensão. Vendo isso ele pula no chão e dança de alegria.

Talvez que o facão do carneiro seja um dia a sua libertação: eis o que penso em relação a esse animal; mas como se trata de uma herança devo recusar-lhe isso e ele terá de esperar pacientemente que a vida abandone o seu corpo de forma voluntária, ainda que, algumas vezes me lance um olhar de compreensão humana que é como se me suplicasse a libertação do modo que nos parece ser o mais indicado.

Atividades dos Editores

OS editores brasileiros do romancista inglês W. Somerset Maugham vêm de adquirir os direitos autorais para tradução dos seguintes livros daquele escritor: "The Summing Up", ensaios; "Creatures of Circumstances", contos; "Gentleman in the Parlour"; "The Casuarina Tree" e "Cosmopolitana", contos; e "Catalina", o último romance de Maugham.

Há grande atividade intelectual e artística em São Paulo devida notadamente à ação do Museu de Arte, Museu de Arte Moderna, Clube de Poesia, Clube de Cinema e Departamento da Cultura. O Clube da Poesia, por exemplo, está anunciando uma série de palestras sobre o Modernismo, e em prosseguimento ao seu programa editorial, lançará "Angulo e Face", de André Carneiro, jovem poeta do interior.

Livros programados: de Domingos Carvalho da Silva, "Praia Oculta", poesias; de Fé-

ricles Eugênio da Silva Ramos, "Citações de Hamano". Está traduzindo também os "Sonetos de Shakespeare", a serem lançados em edição ilustrada. Para essa mesma série de livros, Jamil Almansur Haddad traduzido "Cantico dos Canticos", atribuído a Salomão.

Lançamento de agosto: "O Livro das Grandes Sinfonias", de Upton e Borowski. Além de 70 grandes sinfonias, este livro explica o sentido e o desenvolvimento de 330 peças sinfônicas. O quarto volume da "Comedia Humana" de Balzac, também programado em agosto, inclui além de outros romances e novelas, o "Pai Goriot" e "O Coronel Chabert" um estudo de Anatole France e um ensaio de Fernando Baldensperger, professor da Sorbone, escrito especialmente para a edição brasileira das obras de Balzac.

“Na Espadana Branca”

VISITOU A PARAÍBA O ESCRITOR GLAUCIO VEIGA

ESTEVE em João Pessoa, onde permaneceu vários dias, o escritor Paraibano Gláucio Veiga, professor de Economia Política da Universidade do Recife e uma das mais brilhantes figuras da jovem intelectualidade brasileira.

O escritor Gláucio Veiga, durante sua estada entre nós, realizou pesquisas no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, colhendo subsídios para um ensaio de sociologia da área nordestina da cana de açúcar.

Ontem, o escritor Gláucio Veiga, regressou à Capital pernambucana.

RUI BARBOSA E JOAQUIM NABUCO

INCIARAM-SE no dia 26 p. passado, no Itamarati, as comemorações do centenário de Rui Barbosa e Joaquim Nabuco. Falando em nome do presidente da República, o sr. Levi Carneiro, presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, declarou inauguradas as comemorações do centenário dos dois ilustres brasileiros. Em seguida proferiu uma conferência sobre o tema: “Joaquim Nabuco e Rui Barbosa, duas vidas paralelas”. Estão sendo programadas, por outro lado, inúmeras conferências sobre Nabuco: a 1.º de agosto, o escritor Afonso Arinos de Melo Franco falará sobre Nabuco, advogado do Brasil; a 5 de setembro, Alceu Amoroso Lima, “A evolução religiosa de Joaquim Nabuco”; e a 19 de setembro, Elmano Carrazzini abordará o tema: “Joaquim Nabuco, homem de imprensa”.

“TERRA MORTA”, DE CASTRO SOROMENHO

COM o êxito que vem al-

cunhando as suas edições, a Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil acaba de inaugurar a “Coleção Gaivota” com um novo livro de Castro Soromenho, intitulado “Terra Morta”, obra profundamente amarga, além de um grande romance, na opinião de Adolfo

Castro Soromenho é considerado, na Europa, como um dos maiores conhecedores do homem negro.

DIÁRIO DE UM CONDENADO

ENVIADO pela Editorial Vitória Ltda., recebemos o “Testamento sob a Força”, em tradução de Lia Corrêa Dutra.

O autor, Julio Fuchik, foi condenado à morte pelo tribunal nazista de Berlim. E esse livro escrito na prisão de Pankrac, onde mais tarde sua mulher o recebeu.

ALBERT CAMUS

POR ocasião da passagem do escritor Albert Camus pelo Recife, os que fazem o “Correio das Artes”, se associando às grandes manifestações de que fôra alvo, enviaram ao ilustre visitante, por intermédio do adido cultural francês naquela cidade, sr. Lucien Poussel, um telegrama de cumprimentos e boas-vindas. E em resposta recebeu o orientador deste suplemento a seguinte carta:

“Albert Camus ficou muito sensibilizado pelo telegrama que vocês lhe mandaram por meu intermédio. Comovido pela atenção, pediu-me que agradecesse aos intelectuais da Paraíba, lastimando não ter tempo de passar alguns dias em João Pessoa, para conhecê-los pessoalmente.

Albert Camus já conhece e aprecia a atuação dos jovens da terra de José Lins do Rego — e sinto-me muito feliz de transmitir os cordiais parabéns de um escritor francês da nossa geração”.

LUIZ JARDIM, ROMANCISTA

LUIZ Jardim espera concluir ainda este ano o romance a que deu o título de “Recordações do meu tio Gonzaga”.

O PRIMEIRO ROMANCE BRASILEIRO

NA primeira metade do século XVIII, D. Tereza Margarida da Silva e Orta, sob o pseudônimo de Dorotéia Engrassia Taverada Dalmira, escreveu um romance a que deu o título de “Aventuras de Diodor”, publicado no ano de 1752.

Esse livro não somente foi o primeiro escrito por uma mulher brasileira (pois Teresa Margarida era irmã de Matias Aires, autor de “Reflexões sobre a vaidade dos homens”, clássico brasileiro), como também foi o primeiro romance escrito no Brasil.

Convém lembrar que, até há pouco, era atribuída essa primazia, a Pereira da Silva com “Jerônimo na Corte Real”, editado em 1839.

2.º NUMERO DO “JORNAL DE LETRAS”

O SEGUNDO número do “JORNAL DE LETRAS”, que circulará nos primeiros dias da próxima semana, contém artigos de Gilberto Freyre, Otto Maria Carpeaux, Gilberto Amado, Antônio Candido, Eurico Nogueira França, Paulo Rónai, Moniz Vianna, Di Cavalcanti, Helena Silveira, Cornélio Penna, A. Accioly Neto, Lúcio Rangel, Adonias Filho, poema de Cyro Pimentel, uma novela completa e inédita de Gasparino Dalmata, além do segundo capítulo das memórias de Afrânio Peixoto, novas seções, e noticiário sobre o movimento artístico e literário do Brasil e do estrangeiro, depoimento de Alvaro Lins e Maurício Rosen-

blatt, uma reportagem sobre Coêlho Neto, charges de Vão Gôgo e desenhos de Di Cavalcanti e Yllen Kerr. “Jornal de Letras” publicará ainda uma enquete sobre a posição da nova geração em face da geração anterior, com depoimento de Jorge de Serpa Filho, Bráulio do Nascimento e Fernando Ferreira de Loanda.

NA ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS

A ACADEMIA Paraibana de Letras, recebeu, no dia 29 p. passado, a visita do escritor Pedro Calmon, reitor da Universidade do Brasil e membro da Academia Brasileira de Letras, e dos juristas Haroldo Valadão e Lineu de Albuquerque Melo, professores da Faculdade de Direito daquela Universidade.

Os ilustres visitantes que se fizeram acompanhar dos srs. Oscar de Castro, presidente daquela instituição cultural, secretários de Estado e pessoas gradadas, colheram as melhores impressões pelo que ali encontraram, pois em se tratando de uma associação de letras das mais novas do Brasil, já conta com sede própria disposta de salão de conferências e uma organizada biblioteca.

— Associando-se às comemorações do centenário de nascimento de Joaquim Nabuco, a Academia Paraibana de Letras, teve a grande iniciativa de convidar o jornalista e escritor pernambucano Aníbal Fernandes para realizar nesta capital, em sua sede, no próximo dia 19, uma conferência referente a data.

“CANTICO” DE LÉDO IVO

O POETA Léo Ivo, que obteve o prêmio da Fundação Graça Aranha de 1948, com “As Alianças” já entregou ao editor José Olympio os originais do seu novo livro de poemas “Cantico” — a aparecer dentro de um mês.

NUVENS

(IMPRESSÃO DE UMA TRAVESSIA AÉREO-TRANSATLÂNTICA DE VICENTE DO RÊGO MONTEIRO)

O CONSTELLATION pousado no sólo lembra o ALBATROS de Baudelaire:

"Exilé sur le sol au milieu des huées,
Ses ailes de géant l'empêchent de marcher".

Exilado no sólo entre grande alarido
Suas asas de gigante o impedem de andar.

Contudo pouco a pouco um bálão estratosférico
ê ele desliza meio desajeitado
sobre a pista e logo ganha o zénith seu habitat.

Para evitar a desagradável sensação de surdez causada pela rarefação do ar os passageiros mastigam chicletes com ares de quem mascar fumo. O "Contellation" tem uma estabilidade incrível. Um passageiro põe em equilíbrio um lápis sobre a saliência plana que corre ao lado dos assentos extremos da cabine.

Olho através as portinholas do avião e descortino a terra disco azulado, base de um cône réto em rotação cujo centro conhecido é o "Contellation".

Paisagem imóvel

Devido a grande altitude a paisagem é quase imóvel, é cinema em camera ultra-lenta. A terra é chão parado e o "Constellation" erigidas. Agora o vento

brinca de modelá-las como faria Miguel-Angelo do seu sopro divino, e aí vejo a Cobra-Grande devorar o Dragão, Hercules perder para as Hesperidas e o Touro ferido pela flecha do Sagitário, morder a cauda do Escorpião e êsse perder no peso para a Balança, mas a noite em breve chega e põe fim a essa exibição de estátuas que se diluem como sorvete ao sol.

Minhas divagações suprerreais são interrompidas pelo garçon de serviço que me serve uma refeição quente composta de "Tomato juice, ham and eggs" banana, maçã e pão doce, tudo servido em pratos e copos de papelão a bandeja de duraluminio. A refeição ingerida não é a melhor recordação da viagem, todavia não nos fará aumentar o peso e isso é essencial...

Após uma noite sem incidentes e uma rápida parada em Dakar, amanheçemos sobre o continente africano. O deserto do Sahara de um lado e o oceano do outro. As nuvens sobre a areia escaldante do deserto pastam como re-

banhos de ovelhas, e sobre o mar, desportivas, elas nadam de costa.

Poucas horas depois atingimos Lisboa, onde as habitações proletárias de construção do governo de Salazar, parecem mais umas granjas intensivas do que habitações para seres humanos. Nova decolagem e enfim descortinamos o ubérrimo chão de França. A riqueza desse velho terroir exibe-se em superfície. A imensa colcha de retalhos parece uma tela da fase cubista de Picasso, ou melhor uma grande exibição de cédulas ao portador descontáveis no Banco de França. Mais alguns minutos e chegamos em Paris, numa Paris sem nuvens pois elas ficaram bem longe, bem longe no ar.

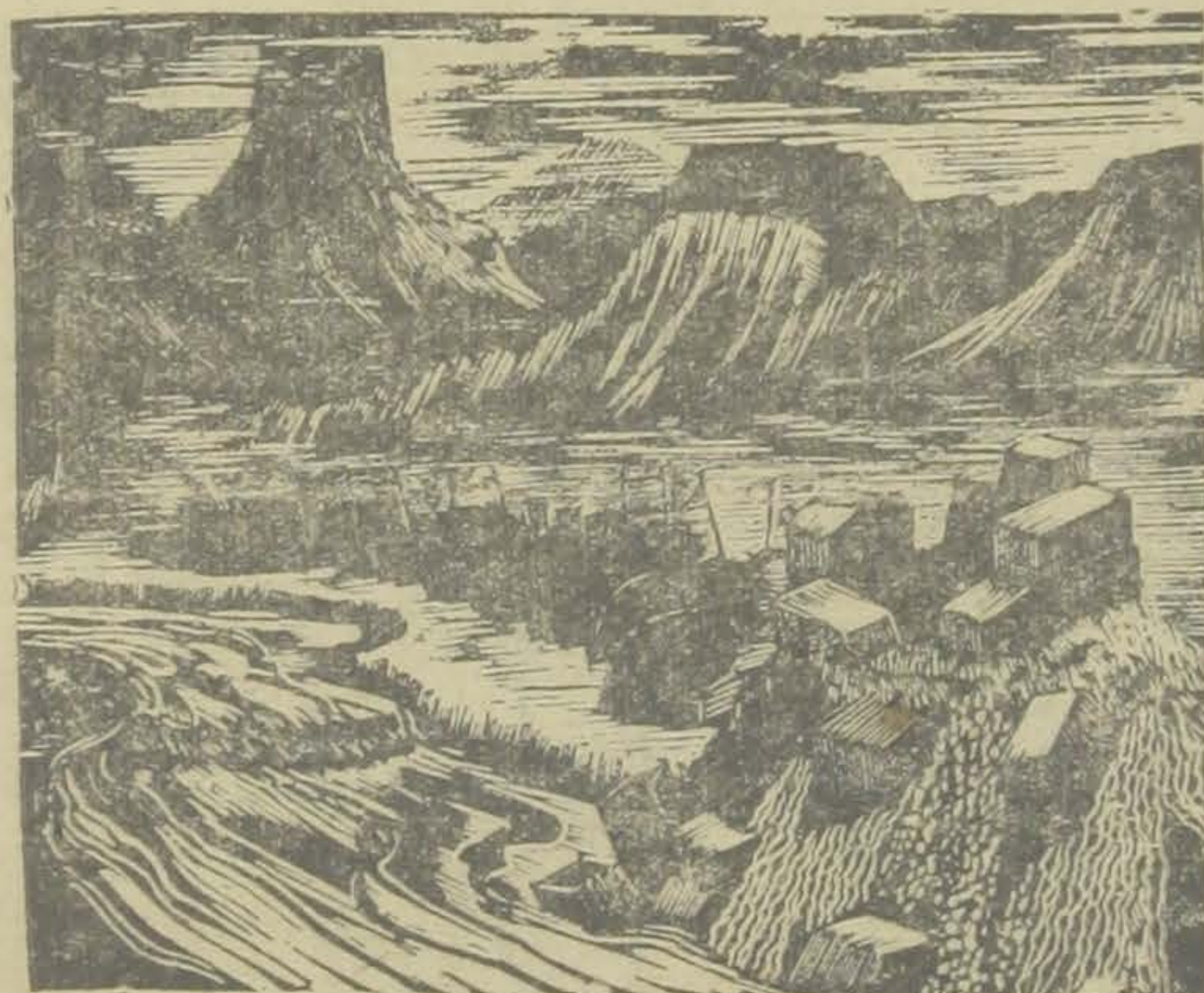
UMA JOVEM CONTISTA

LYGIA Fagundes entrou na literatura com o pé direito. Os seus contos vêm merecendo de escritores autorizados os melhores elogios. Lygia, que acaba de ser premiada pela Academia Brasileira de Letras, com o seu livro O CACTO VERMELHO, é uma das mais vigorosas expressões da nova geração literária brasileira.

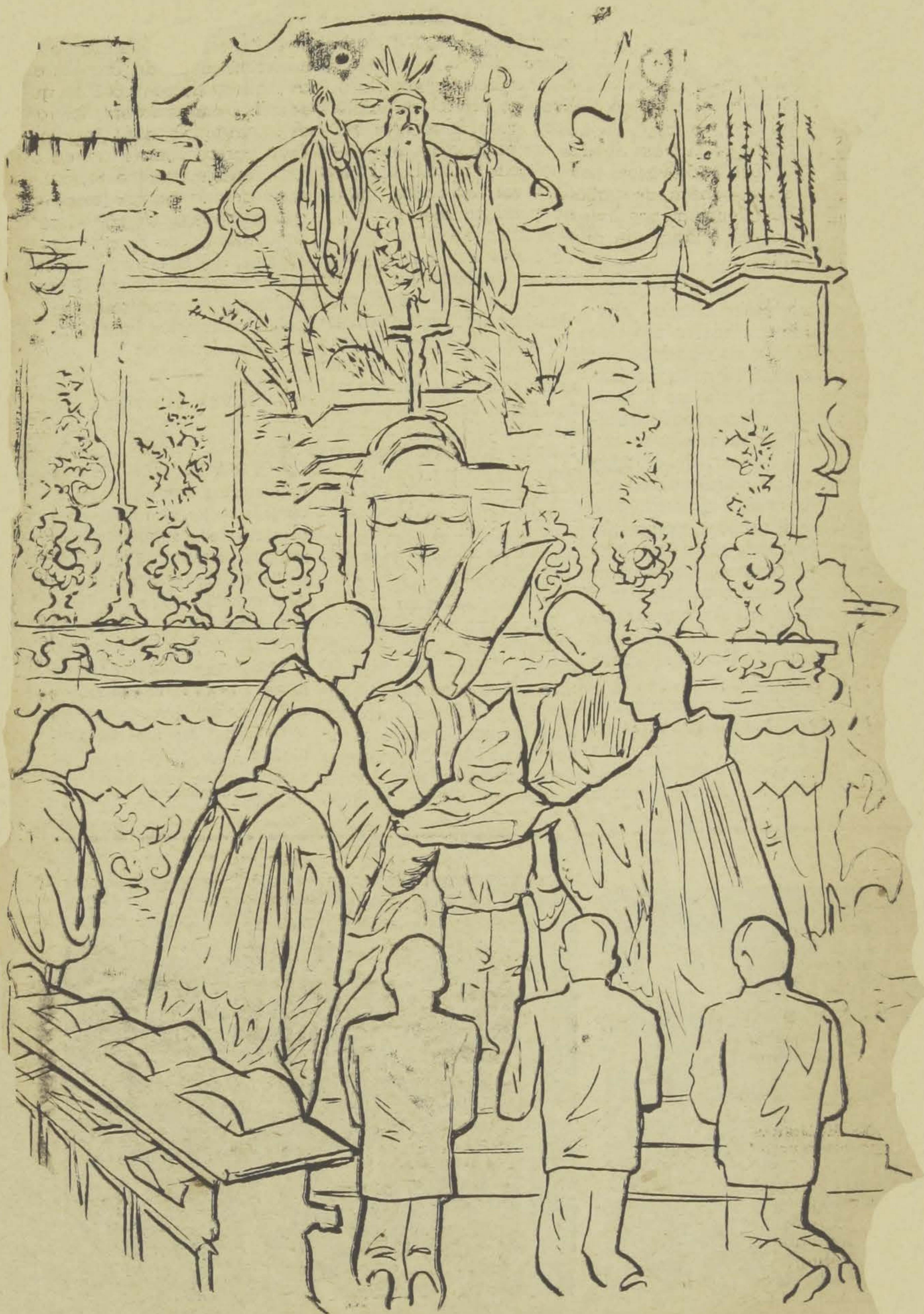
Sobre o seu livro, disse Erico Veríssimo: "tem uma extraordinária força dramática e foi narrado com uma segurança magistral".



XILOGRAVURA DE LUTHEN ROBERTS



OXUS RIVEN — XILOGRAVURA DE IAN GAASTIA



DESENHO DE EROS GONÇALVES. REPRODUZIDO DA REVISTA "REGIÃO"

IMPRESSÃO DE UM POETA

VERISSIMO DE MELO

NADA mais parecido com Antonio Pinto de Medeiros do que este livro que acabo de ler de Antonio Pinto de Medeiros, "Um Poeta Atôa". E saio de sua leitura como se saísse de um intrincado jogo de xadrez, num castelo medieval, entre espelhos e princesas, braceletes e diamantes, eu que nada entendo de jogo de xadrez e que jamais estive num castelo entre princesas e braceletes.

O amazonense Antonio Pinto de Medeiros diria, se quizesse, com palavras fáceis e simples, tudo o que sugere e preferia dizer entre símbolos e enigmas fechados a sete chaves, neste seu livro de estreia, que reúne a sua produção poética até 1945. Diria até mesmo em versos alexandrinos ou decassílabos, como aquele soneto bem comportado que

êle, certa vez, me recitou, numa esquina. Mas, cansado ou saturado dos ritmos normais e burgueses de nossa poesia, quiz ele proprio e conseguiu criar um ritmo adequado à sua poesia, cheia de curvas, quedas e vãos imprevistos, pon-do a cabeça de qualquer leitor menos avisado em estado de choque.

O que pretende o poeta com esta mensagem nova? Encontrarão, por acaso, os apaixonados ou o homem comum nestes versos alguma esperança para os seus sofrimentos?

Creio e entendo a poesia de Antonio Pinto de Medeiros como um reflexo autêntico de sua estranha personalidade. Apesar do clima aparentemente esportivo de muitos de seus versos, a essência se sua poesia é profundamente trágica.

"Um poeta atôa" é um canto angustiado ao tédio, à inutilidade da vida; um grito de desespero ou de compaixão diante da miséria humana, um desabafo de quem descobriu, na última hora, que o Amor existia, embora impossível, intocado, inacessível ao poeta.

Longe de mim a intenção de querer explicar a poesia de Antonio Pinto de Medeiros. Se ele a quizesse explicada, fácil, aberta aos olhos de qualquer mortal, não teria ele tecido aquela teia de símbolos que se sucedem e se partem, crescem e minguam, como num pesadelo. Direi apenas que todos os temas eternos, que o Amor, a Vida e a Morte oferecem ao Homem, desde que o mundo é mundo, aí estão na poesia de Antonio Pinto, entre imagens novas e elo-

quentes, algumas de rara beleza, escolhidas por esse temperamento solto ao vento, homem capaz de pular de alegria diante de um poema que acaba de fazer e de rasgá-lo no dia seguinte, como o mais inútil de quantos já lhe saíram da pena.

O que se deve reconhecer, antes de tudo, é que a poesia de Antonio Pinto de Medeiros é alguma coisa nova e diferente que surge. Eu não sei dizer se ela há de suplantar os outros ritmos, antigos e modernos, sei que está crescendo. E como uma criança que começa a falar, (atôa, para utilizar uma palavra querida ao poeta), aí estão os primeiros maguas e os primeiros encantamentos dessa poesia, através da voz moça e sacudida de Antonio Pinto de Medeiros.

SEMELHANÇAS

CARMEN DE ARAÚJO LIMA

AS MULHERES DO POVO
A BEIRA DE CORREGOS
FORMADOS PELAS CHUVAS
LAVAM AS ROUPINHAS
DE INOCENTES FILHOS
QUE EM CASA FICARAM TIRITANDO DE FRIO
E ENSABOAM E TORNAM A ENSABOAR...
PARA QUE FIQUEM BEM LIMPINHAS,
DAI HA POUÇO
A GRAMA FICA COBERTA DE ANDRAJOS,
HÁ UNS TÃO ROTOS, TÃO ESFIAPADOS
QUE A GENTE RICA DAS CIDADES
JAMAIS SUPORIA
QUE HAJA QUEM SE POSSA COBRIR
APENAS COM FIOS,
COMO ESTAS POERES MULHERES
JUNTO A CORREGOS INVISIVEIS
LAVO NOITE E DIA
OS TRAPOS DE MINHAS ILUSÕES
QUE CONSEGUI ARRANCAR
A FOGUEIRA DA REALIDADE
QUE INCENDIOU MINHA VIDA,
CARBONIZOU MEUS SONHOS,
CREMOU MEUS IDEAIS,
TRAPOS COM QUE AINDA SE ENVOLVE
NAS MINHAS NOITES DE SÓLIDÃO
A OVELHA TRESMALHADA QUE VIVE EM MIM
E AINDA QUER FUGIR
NEM SEI MAIS PARA ONDE,



XILOGRAVURA DE LADJANE

CYNTHIA RECUSOU-ME

COMO a bacante Edônia, fatigada de contínuas dansas, adormecida sobre a relva do Apídano — assim encontrei minha Cynthia, respirando doce sono, apoiando a cabeça nas mãos vacilantes. Auxiliado pelos servos que me iluminaram o caminho com archotes, regressava bastante alegre de um festim a que fôra sem a ter prevenido. Aproximei-me dela, assentando a seu lado sem fazer ruído. Cupido e Liber, todos os dois deuses indomáveis, animavam-me de duplo ardor, instigando-se a tomá-la no braços, cobri-la de beijos e preparar-me para o amor. Contudo temi perturbar seu sono. Como explicaria minha demora? Imóvel, fixava sobre ela olhos de Argos. E ora tirava da cabeça pétalas das rosas da coroa com que me ornara no festim em casa de amigos e deixava-as cair sobre suas fronteiras; ora comprazia-me em ajustar seus cabelos ou em pôr furtivamente em seu regaço pequenos frutos. Porém essas ofrendas encontravam-na insensível, dormindo, e rolavam para o chão.

Crédulo de vãos preságios, receiava que sonhos insólitos lhe trouxessem dúvidas a respeito do meu

retardamento, inclinando-a para o rival que m'a disputava. Enfim, a lua complacente, vagorosa no seu curso, penetrando numa fresta da pequena luminária, despejou doces raios sobre suas pálpebras. Apoiando-se no leito, ela assim me falou sem demonstrar-se surpresa com minha presença: "Pérfido és chegando a esta hora despedido de outros braços. Como e onde passaste uma noite que era minha para surgires esgotado quando os astros já se vão?... Lamentei tua ausência e teu amor leviano, ora tomando a lira e ensaiando alguns acordes, ora fazendo correr os fios da púrpura ao longo da trama, até recostar-me adormecida".

Calçando as sandálias e erguendo-se, Cynthia recusou-me rindo. Lálogé, a camareira, afastou o reposteiro. O luar, precipitando-se pelas colunas do pátio, inundou a sala de uma claridade suave e impressionante. Cynthia condescendente estendeu-me os braços, mas renovando o sorriso tendencioso. Acudiu-me então o motivo indeclinável de sua recusa. E ficamos a conversar em sussuros.

Propertius traduzido por ANTONIO FRANCA

“A CIDADE DO SUL”

NA fase post-modernista da poesia brasileira, o nome de Alphonsus de Guimaraens Filho, deve ser lembrado logo depois do de Vinicius de Moraes.

A sua mensagem poética — iniciada com "Lume de Estrêlas" (ed. Mensagem, Belo Horizonte), 1940, continuada com "Poesias" (ed. da Livraria do Globo, P. Alegre), 1946 e, este ano, com "A Cidade do Sul" (ed. Panorama, Belo Horizonte) — é uma das mais características da sua geração.

Como tão bem acentuou Cyro dos Anjos, Alphonsus de Guimaraens Filho, não tem pudor de ser lírico. Os seus poemas, confirmam o dom da poesia de que é possuidor. E reveladora, também, é a forma pela qual a crítica nacional se vem manifestando em torno desse jovem poeta mineiro, como um verdadeiro artista, seguro na sua técnica.

E "A Cidade do Sul" diz bem da sensibilidade de Alphonsus de Guimaraens Filho como um poeta realizado e senhor de um lirismo inconfundível.

Eis, pois, um poeta e dos mais autênticos. E a propósito um de seus poemas:

"BOCA TEMPORÃ

A boca temporã, nessa risada
Matinal, descuidosa, a linda boca
Fresca de céu, perdidamente louca,
Pelo desejo apenas esmogada...

Nela respira ingênua madrugada,
A carne azul dos campos mal dormidos,
Rios, aguadas, vila despertada
Pelos ventos do alto, comovidos...

Nessa boca que aos pouco madurando
Se oferece na árvore travessa,
Vejo dormir as frutas assustadas,

As frutas sumarentas despontando;
Agasalhar no colo essa cabeça,
Depois sair sonhando nas estradas..."



EX-LIBRIS DO DESTACADO POETA ITALIANO LUIGI FIORENTINO DA AUTORIA DE TRANQUILLO MARANGONI



DESENHO DE J. H. B. PEEL PARA "SMALL CALENDARS"

CONCLUSÃO DA ÚLTIMA PÁGINA

Como a Lancastre inda novo,
A' Wilberforce e Harriett.

Mas que ouço?!... lá na estêra
Do céu azul... uma voz!
Parece que hoje se opéra
Algum milagre entre nós!...
— Castro Alves, desce à terra,
Rasga a purp'ra que te encerra
Lá n'esses mundos d'além;
Vem vêr o teu decenário,
Onde o rico e o proletário
Sagram-te louros também.

III

El-lo no seu fadário,
Patrióta e social;
Foi poeta humanitário
De caráter nacional;
Alma grande e o peito aberto
P'ra quem de longe ou de perto
De seus cantos careceu.
Por amor da humanidade
Cantou sempre a liberdade;
Foi assim que êle viveu.

A Cachoeira fremente
De Paulo Afonso cantou;
Ora — Petrarca fluente,
Ora — ardente como Hugô.
Nas manhãs belas, serenas,
Nas tardes frescas, amenas,
De manhã e ao pôr do sol,
Soluçava os seus amôres,
Qual brisa por entre as flôres
Ao espreguiçar do arreból.

Como cantor dos escravos
Não lhe faltou o valôr;
Adoçou do fel os travos
E deu-lhes favos de amor
São lindos êsses poemas,
Mas terríveis seus dilemas
Sôbre a negra escravidão:
Nas Vozes d'África ardente
Está plantada a semente
Da grande emancipação

Quem já viu cenas tocantes
Como a *Tragédia no mar*?!...
Nunca ouvi os navegantes
Mais tristes cenas contar;
No porão estreito, imundo,
Infécto, apertado e fundo
De um navio voadôr,
Vê-se o terrível martírio
Dos escravos em delírio
Sofrendo açoites e dôr!

Castro Alves, generoso,
Implora a Deus o perdão;
Foi co'os pobres caridoso
E lhes deu consolação.
Dos poétas foi o eleito
Para abrigar no seu peito
As grandes, nobres idéas:
Pedro Ivo e Tiradentes
E os bravos *Inconfidentes*
Inspiraram-lhe epopéas.

Como Lincoln aos vindouros
Deixou seu nome Schubert,
Castro Alves deixou louros,
Como Wilberforce e Gilbert.
Era um poeta inspirado,
Pelas musas bem fadado,
Como poucos hoje são;
Borbulhava-lhe na mente
As chamas de um peito ardente,
Cheio de amor e paixão.

Se o gênio fê-lo poeta
P'ra cantar a redenção,
A pátria fê-lo proféta
Das glórias d'esta nação:
Em favôr da escrava raça,
Que embrutece na desgraça,
Invocou a pátria e Deus!...
Foi êste o último canto
Que Castro Alves em pranto
Nos legou subindo aos céus!...

IV

Basta, basta, Senhor!... Sêde bemdito!...
O seu gênio volve agora ao infinito
Sôbre nuvem sutil;
Possa o poeta lá d'essas alturas
Nossas glórias cantar as desventuras
Do seu caro Brasil.
Mas quando a aurora ressurgir de novo,
E de seus cantos precisar o povo
Para a pátria surgir,
Ahl! então voltará como um bom filho
Através das esféras... e o seu brilho
Será nosso porvir.
Castro Alves, perdôa: — êste delírio
Quer dizer que o teu gênio lá do Empírio
Adeja sobre nós!...
Perdôa, alma gentil, se aos pés do trono
Da celeste mansão, vimos teu sono
Quebrar com rude vóz.

BAHIA, 6 de julho de 1881.

(1) — Poesia escrita e recitada pelo autor em nome do Clube Literário e Recreativo da Paraíba do Norte na sessão literária celebrada no Teatro São João, na Bahia, por ocasião de comemorar-se o primeiro decenário de Castro Alves.

Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

ADOLFO FIGUEIRÊDO

1839 — 1909

ADOLFO Paulino de Sá Figueirêdo, nasceu no ano de 1839, na cidade de Souza, onde fez os seus primeiros estudos, matriculando-se depois na Faculdade de Medicina, interrompendo seu curso médico no quarto ano. Prosseguindo nos seus estudos, foi considerado bacharel, mais tarde, pela Faculdade de Direito do Recife. Veio residir, então, em uma estância nas proximidades do Piranhas, onde faleceu, em 1909.

M O R T A

Deante o caixão da sua filha,

Cerradas sobre o peito as mãos pálidas, frias,
Imersa na mudez letal e aterradora,
Ei-la cercada ali de lâmpadas sombrias
Sentinelas finais da vida enganadora!

Ai! Como vê-la assim! Como era linda outrora!
Radiante de esperança e doces alegrias,
Rompendo co'o sorriso igual em luz à aurora!
As tristes e eternas noites dos meus dias!

Como deixá-la, pois, no féretro encerrada!
Como deixá-la, pois, entrar no cemitério,
Que a boca infame e vil lhe mostra escancarada!

O' padre! Eu vos dispenso e o préstito funério!
Irei com minha filha ao páramo sidério
Depô-la aos pés de Deus em astro transformada!

CRUZ CORDEIRO JUNIOR

1859 — 1893

ANTONIO da Cruz Cordeiro Junior, nasceu na capital do Estado, em 15 de fevereiro de 1859. Eram seus pais dr. Antonio da Cruz Cordeiro e d. Maria Augusta Cerqueira Lima Cordeiro.

Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1883, de cuja turma foi orador, na vida prática exerceu a clínica médica.

Escritor, jornalista, traduziu do francês vários trabalhos e escreveu versos, colaborando em vários jornais do país. Ainda estudante, doutorando, representou os alunos da Escola Militar da Corte no decenário do poeta Castro Alves, na capital baiana, a propósito de que escreveu um "Bosquejo Literário" onde não somente analisa a obra e a vida de Castro Alves mas também estuda a obra poética de Casimiro de Abreu, Junqueira Freire e Alvares de Azevêdo.

Faleceu em Santa Catarina, na revolta de 1893, quando chamado com urgência, para comparecer ao Hospital Militar, corporação a que servia e ignorando estar impedido o trânsito em certa rua, teve o coração varado por balas, morrendo instantaneamente, alta noite.

Publicou: "Bosquejo Literário", 1881, Tipografia do "Diário da Bahia", Praça Castro Alves, 101 — Bahia.

CASTRO ALVES (1)

I

Porque, pátria querida, assim palpitas?!...
Porque tanta emoção?!... Porque te agitas
Com asas de condôr?!...
De onde vêm estes hinos e cantares
Que a terra da montanha sôbre os mores
Spalha com tanto amor?!...

Porque, povo baiano, n'este dia
Tristeza, amor, saudades e alegria
Se confundem assim?!...
Porque tanto civismo e tanto orgulho,
Como soe inspirar o dois de julho
Qu'a a pátria lembra enfim?!...

De onde vem estes cantos peregrinos,
Tão cheios de harmonia e sons divinos,
E de aromas e luz?!...
Que mistério sublime!... O povo anela,
E a mocidade sua voz alteia;
Sua fronte transluz!...

Castro Alves, perdôa: — êste delírio
Quer dizer que o teu gênio lá do Empírio
Adeja sôbre nós!...
Perdôa, alma gentil, se aos pés do trono
Da celeste mansão, vimos teu sono
Quebrar com rude vóz.

II

Há dois lustros que o poeta
D'esta nova geração,
Da vida tocando a méta,
Subiu à etérea mansão.
Castro Alves inda cêdo,
Como Alv'es de Azevêdo
E Junqueira, se escondeu
Nas brumas da eternidade,
E quasi todos na idade
De Casimiro de Abreu.

D'essa pleiade brilhante
Seu vulto se destacou:
Na sua carreira ovante
Foi scétilite de Hugô!
E no seu vôo altaneiro
Foi o condôr brasileiro
Que mais alto se elevou;
Subiu, subiu e o seu grito
Foi ouvido no infinito,
Onde um gênio o consagrou!

Que poetas maviosos
Perdeu a pátria gentil!
Mas seus cantos gloriosos
Jámais esquece o Brasil,
Castro Alves, gênio ativo,
Cantando o pobre cativo,
Fez propaganda de fé;
Por isso o aclama o povo,